

ROSANE XAVIER DOS SANTOS

ECOS DA FIGURA MÍTICA NA *MEDÉIA* DE EURÍPEDES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Licenciatura em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas, como pré-requisito para a obtenção do título de Licenciada em Letras.

Orientador:

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste

Parintins-Am

2018

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS-CESP
CURSO EM LICENCIATURA EM LETRAS

ECOS DA FIGURA MÍTICA NA *MEDÉIA* DE EURÍPEDES

ROSANE XAVIER DOS SANTOS

ORIENTADOR DOUTOR WEBERSON FERNANDES GRIZOSTE

Parintins-Am
2018

ROSANE XAVIER DOS SANTOS

ECOS DA FIGURA MÍTICA NA *MEDÉIA* DE EURÍPEDES

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC
apresentado como exigência parcial para
obtenção do grau de licenciado em
Letras pela Universidade do Estado do
Amazonas.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Weberson Fernandes Grizoste (UEA)
(Orientador)

Prof^o. Ms. Dilce Pio Nascimento (UEA)
(Examinador Interno)

Prof^o. Esp. Francisco Bezerra dos Santos (UEA)
(Examinador Interno)

Sumário

Prefácio	5
Resumo.....	6
Introdução	7
O Trágico	8
As Personagens	12
A Desmistificação de Medéia	20
Considerações Finais.....	26
Referências Bibliográficas	27

PREFÁCIO

Sou oriunda da Zona Rural do Município de Parintins, especificamente da comunidade de Bom Socorro, lago do Zé Açú. Agradeço imensamente à Deus pelo dom da vida e por ser meu guia espiritual; agradeço aos meus Professores pelo ensinamento prestado no decorrer da minha vida acadêmica, por ter me dado força e ter tido paciência em especial ao meu Orientador Doutor Weberson Fernandes Grizoste que me ajudou nesta pesquisa a quem muito admiro como pessoa e como profissional

Agradeço à Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras por contribuir para a vida profissional de cada acadêmico e resolver problemas encontrados no decorrer desses quatro anos, e compreender a necessidade que muitos acadêmicos encontram nesta caminhada, sempre incentivando aos alunos a não desistirem do curso.

Dedico este trabalho à minha família; aos amigos, em especial cujos que sempre me apoiaram nos momentos em que mais precisei e me incentivaram a chegar nesse meu objetivo. E, por fim, à instituição acadêmica CESP-UEA que abriu as portas para que eu pudesse adentrar e realizar as metas de vida.

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo avaliar os “Ecos da Figura Mítica na *Medéia* de Eurípedes”. Primeiro será analisado o trágico como principal elemento de uma tragédia e quais são os seus principais caracteres para uma narrativa. O trágico na *Medeia* é o principal elemento para que se torne um mito. Abordaremos os principais personagens da *Medeia* apontando a sua representação crítica para a sociedade e o que as personagens representam na narrativa trágica. Outro tópico a ser analisado será a desmitificação da personagem *Medeia* em que será desconstruída a alma da personagem apaixonada e vingativa, mas que ao ser que caracterizada por outro olhar percebemos que essa personagem não é constituída somente por uma paixão impulsiva, mas por uma personagem cujo caráter é outro. O artigo analisado conta com estudos de autoridades científicas sobre a tragédia grega, bem como estudiosos da obra que contribuem para dar mais fundamentação teórica.

PALAVRAS-CHAVE: Trágico, Personagens, Desmitificação, *Medeia*

INTRODUÇÃO

Ao ler a peça o espectador entenderia que as ações das personagens são uma imitação das ações humanas e que o espectador pode fazer uma reflexão de suas ações. A *Medéia* de Eurípides vem aguçar nossos sentimentos devido às circunstâncias da narrativa trágica, que nos envolve na trama e que determinadas situações que nos sensibilizam e produzem meditação, bem como de seu atrelamento em sociedade e individualidade que expurga seus sentimentos através de uma obra literária clássica em que o espectador há de encontrar-se no ápice de sua consciência humana e quais os resultados que a obra trágica de *Medéia* lhe possibilitará questionar perante a sociedade e seu convívio social.

Analisaremos o trágico e seus elementos que possibilitam o seu acontecimento, e quais são as suas características. Analisando e discutindo seus conceitos, sobre como o verossímil apresenta-se construído no mundo ficcional e quais os efeitos que causam ao leitor. Observando qual o efeito da catarse que a narrativa trágica possibilita, como a mimese está ligada diretamente ao mundo vivido. O espectador perceberá que a literatura clássica e mesmo a contemporânea estão entrelaçadas com a realidade, mesmo sabendo que a ficção não pode ser dada como verdade e nem a realidade como uma imitação da ficção, por mais que determinados fatos sejam dado somente possível dentro do imaginário fictício literário.

As personagens e suas características, suas construções históricas e como são construídas e descritas através da imitação de ações humanas chegando por vezes a ultrapassar a possibilidade do real, a construção e desconstrução das personagens de acordo como o trágico estão refletidas nas ações reais do leitor e espectador. A desmitificação da personagem *Medéia* em que o poeta Eurípides nos apresentou para uma *Medéia* mais racional, dona de suas ações e consciente de seus atos que estava cometendo na tragédia. São fatos que fornecerão um olhar diferente por parte do espectador, em que a personagem não foi tomada somente pela vingança de ser deixada de lado, mas de uma realização do destino dos homens.

O TRÁGICO

A *Medéia* de Eurípedes é uma obra do teatro trágico e sua caracterização dos personagens que parte da heroína para a evolução do trágico exclamando dor e o homem procurando a busca da fatalidade. “Como o objeto da tragédia é a imitação de seres melhores do que os comuns, a representação que os retratistas fazem é um exemplo a ser seguido. Reproduzindo a forma peculiar dos modelos, os pintores, além de respeitar a semelhança com o original, embelezam-na”. (Costa, 20003, p.30). Onde percebemos a mimese e a verossímil na narrativa a vida humana de livre escolha para saber o que é o bem e o mal.

“O fato de a tragédia ser imitação de uma ação qualificada eticamente e de os caracteres serem nela subordinados à ação impõe a necessidade de as personagens que agem e se apresentam serem qualificadas pelo caráter e pelo pensamento”. (Costa, 2003, p.19).

Os critérios que diferenciam as artes miméticas é o efeito que a representação determina no espectador, definida também como uma forma específica de mimese à imitação da realidade podendo ser uma cópia fiel da realidade. É compreensível que a tragédia venha naturalmente condensar a mimese para problematizar dimensões cruciais de modo que levará o espectador a refletir sobre seu caráter. “A ficção ou *mimesis* reveste-se de tal força que se substitui ou superpõe à realidade”, (Candido, 2000, p.29). A reprodução artística poderá ir além da realidade imaginável e o mesmo pode acontecer da realidade copiar a produção artística e por vezes ser até mais irreal e desumano que a própria ficção que é imaginada.

Na ficção a imitação, verossimilhança são construída por episódios que na realidade tais acontecimentos não seriam possíveis para o espectador, sabendo que a ficção não pode ser avaliada como realidade, mas como uma reflexão que as obras trazem para o leitor. O espectador é quem vai avaliar julgar os personagens através de seus atos e decidir se lhes dá a sua compaixão ou sua odiosidade.

“E como a tragédia é a imitação de uma ação e se executa mediante personagens que agem e que diversamente se apresentam, conforme o próprio caráter e pensamento (porque é segundo estas diferenças de caráter e pensamento que nós qualificamos as ações), daí vem por consequência o serem duas causas naturais que determinam as ações: pensamento e caráter; e, nas ações [assim determinadas], tem origem a boa ou má fortuna dos homens”. (Arist. P. 1450a).

As ações conforme Aristóteles afirma que a mimese tem como característica o caráter dos homens. “Ao que parece, duas causas, e ambas naturais, geraram a poesia. O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado” (Arist. *P.*1448b). Trazendo para a narrativa trágica a ética do objeto-modelo humano e suas ações expostas pelos personagens refletindo o julgamento da própria consciência humana que tem seus valores e sua moral. Ao imitar a realidade, o espectador vai se envolvendo com a trama e com o herói até chegar ao seu destino e se ver representado na dramaturgia despertando-lhe a sua auto crítica, trazendo esclarecimento enquanto cidadão e enquanto sociedade, política e religião.

"O verossímil e o critério que deve nortear a escolha dos argumentos para a composição mimética; um argumento impossível que convença é melhor do que um possível que não convença; o próprio irracional, utilizado com aparência razoável de racional, torna-se aceitável" (Costa, 2003, p.52).

A literatura pode ser verossímil e a conduta do protagonista desde o discurso dramático de *Medéia* até suas ações que a personagem nos apresenta podem ser verossímil. Em *Medéia* de Eurípides aguça nossos sentimentos atribuídos à peça e sensibiliza o espectador que é ciente de que as artes de ficção antes de ser contada como imitação e verossímil da realidade passam pela fraqueza humana, daí à presença de tantos crimes a serem julgados pelo espectador sendo ele o crítico da narrativa trágica e conhecendo a importância da narrativa além de ser o companheiro do herói trágico julgando a suas ações e compreender suas angústias dos personagens sabendo que essas mesmas ações e seus atos podem ser encontrados tanto na ficção quanto na realidade sendo até muito mais bruto e doloroso para quem ver ou passar por essas ações.

“Trata-se de uma representação de ações de homens de caráter elevado (objeto da imitação), expressa por uma linguagem ornamentada (meio), através do diálogo e do espetáculo cênico (modo), e visando à purificação das emoções (efeito catártico), à medida que suscita o temor e a piedade no espectador”. (Costa 2003, p.18).

A literatura pode ser verossímil devido à conduta do protagonista, desde o discurso dramático de *Medéia* até suas ações que a personagem nos apresenta causando um efeito que no leitor que reflete momentos selecionados e transfigurados da realidade baseado na experiência exterior à obra na qual representa algo além da realidade, mas iminente à obra. A narrativa nos apresenta o que aconteceu com os personagens trágicos e o que impactou ao leitor e perceber que a verossimilhança não está tão distante da

realidade. “[...] ou a verossimilhança, isto é, na expressão de Aristóteles, não a adequação àquilo que aconteceu, mas aquilo que poderia ter acontecido [...]” (Candido, 2000. P.18). A verossimilhança não pode ultrapassar, ou seja, exagerar a imitação da vida recontada, mas deve ser fiel em suas características sendo precisa que seja verossímil e necessária, que tenha uma lógica no progresso de ligações das narrativas trágicas e a mimese e o verossímil na obra literária encontrarão na tragédia, pois onde é mais possível de se ver a verossimilhança presente e mais plausível encontrá-la; sendo uma das características pertencentes do trágico a verossimilhança e um dos essenciais caracteres do trágico.

As ações que as personagens apresentam são a realidade ou uma possível certeza de que poderia ser vivida fora do ficcional “verossimilhança”, nas obras a verossimilhança seria o limite da imitação e para as narrativas analisando a lógica da realidade e do ficcional e sua relação com as ações dos personagens e suas estruturas que compõem a ficção. Sempre coerente com o universo próprio e suas qualidades sem exceder o mundo real e mantendo-se entrelaçada com o ficcional a literatura instiga o leitor a abranger os paradigmas do ficcional e como a realidade pode servir de inspiração para o imaginário da literatura sem extrapolar a sua verossímil e a mimeses.

A tragédia não tem dilemas humanos, mas conversa com aqueles que os tem, apresentando no leitor um fato sobre-humano que lhe proporciona represália e renúncia de valores humanos. Aplica-se a atributos e falhas de sentimentos de uma personagem sobre qual não há a noção do erro, mas o ignora. “Ao lado de tais tipos de personagens, cuja origem pode ser traçada mais ou menos na realidade, é preciso assinalar aquelas cujas raízes desaparecem de tal modo na personalidade fictícia resultante, que, ou não têm qualquer modelo consciente, ou os elementos eventualmente tomados à realidade não podem ser traçados pelo próprio autor. Em tais casos as personagens obedecem a uma certa concepção de homem, a um intuito simbólico” (Candido, 2000 p.73). O discurso e a ação dos personagens poderiam vir a causar um desgaste fatal onde à tragédia não seria somente uma cópia da realidade ou uma imitação, pois pensando que a arte fosse uma cópia dependente da capacidade da natureza humana, podendo ir além dessa produção natural, assumindo e tomando proporções extremas da realidade.

[...] Na tragédia, o relevante vem a ser a finalidade do homem, ou seja, a sua ação e vida, e não o caráter que o qualifica: “a superioridade da ação (mito) sobre o estado (caráter) é lugar-comum na filosofia de Aristóteles (Costa, 2003, p.19).

A obra literária é ligada através dessas e outras características que dão vida ao enredo e ao personagem trágico, saber caracterizar cada diferença e qualidade de acordo com o contexto da narrativa, nos ajuda a qualificar os personagens através suas ações. A ação é quem qualifica o caráter do personagem, assim como o homem é qualificado pelas suas ações e caráter, sabemos que na narrativa trágica tudo está interligado para fazer que o espectador saiba como interpretar a narrativa e como analisar as ações dos personagens e como o humano ao ser copiado na obra de ficção pode perceber e refletir sobre suas falhas e quando desestabilizam a família e a sociedade. A obra literária consegue internalizar no leitor como suas ações na ficção podem influenciar e de que maneira o leitor pode se auto avaliar-se sem achar que a literatura está diretamente narrando sua vida, mas imitando a ação de seres cujas atitudes podem ser boas ou más.

A tragédia caracteriza no espectador reflexões de suas ações e de convívio em meio a sociedade, a literatura consegue trazer para o leitor como as consequências de suas ações de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduos influenciam a estrutura e a convivência de uma sociedade e quais é as suas consequência, além de fazer com que o leitor ou espectador sinta um misto de sentimentos tanto racional quanto emocional, fazendo que a obra de ficção seja como um mecanismo de interação em que o indivíduo perceba como as obras literárias possibilitam uma reflexão pessoal e social, além de trazer um reflexo da sociedade seja esse reflexo positivo ou negativo e possibilita a compreensão sobre determinadas atitudes ou de repulsas pelas ações que são tomadas pelos personagens. A tragédia purifica nossos sentimentos seja ele de terror ou de piedade, visando manter um equilíbrio entre o ser humano e o mundo ficcional. O trágico revela-se, pela atitude do destino nos personagens através de fatos fatídicos que o herói, um ser sem escolha, dá-se conta de sua vulnerabilidade e ação diante do destino que lhe foi determinado.

AS PERSONAGENS

A personagem *Medéia* é construída de acordo com a tipologia dos mais célebres heróis trágicos, no entanto, é a primeira dramatização do isolamento humano, a heroína é repudiável em suas atitudes, o herói quer guiar-se por seu próprio caráter, mas está subordinada a força, ao gênio mau. O espectador percebe a representação de enfermidades da alma humana originadas na característica da vida real e que contribuem para a determinação do destino do personagem e na pintura de caracteres.

A personagem *Medéia* relata seu arrependimento por deixar tudo por Jasão, dedicando-se a vida para ser mãe e esposa, mas que se fosse possível preferiria lutar que ter esse destino de solidão, de abandono e desprezo, nesta fala percebe-se a alma feminina da personagem. “Medéia: Dizem que nós mulheres passamos uma vida sem perigos no lar enquanto os homens lutam de lança em punho. Argumentam mal que assim raciocina. Quanto a mim, preferiria estar três vezes no campo de batalha com um escudo na mão do que dar a luz a uma criança uma vez” (Eurípedes, 1998, p.23). Apresenta-nos um desconforto psicológico da personagem e um incomoda externo de como mulher poderia enfrentar os mesmos desafios que os desafios de um homem e a tragédia revelam imprecisão resultante do choque entre consciente e inconsciente, despertando compaixão e identificação no espectador. “[...] a grande obra de arte literária (ficcional) é o lugar em que nos defrontamos com seres humanos de contornos definidos e definitivos, em ampla medida transparentes, vivendo situações exemplares de um modo exemplar (exemplar também no sentido negativo)” (Candido, 2000, p. 45). Esses sentimentos de razão que determinam a ação do herói trágico para a tragédia, através da sua força dramática e riqueza de dimensões que envolvem o espectador a ser ver envolvido na tragédia da personagem, deparando com abordagens desde a expectativa de compreensão da tensão entre sentimentos.

MEDÉIA: “Antes de mais nada, temos, custe o que custar, de arranjar um marido e escolher para nós mesmas um senhor, sendo esse último mal ainda pior que o outro. Ora, há um imenso risco que se corre nisso, de se escolher um bom ou um mau, pois as separações não são honrosas para as mulheres e não é possível repudiar um marido” (Eurípedes, 1998, p.23).

Mais uma vez percebemos a alma feminina questionando o seu destino injusto, que precisa comprar um marido para obedece-lo, onde a infidelidade da mulher não é bem vista, mas se o homem faz essa mesma mulher não pode repelir. Trata-se de uma

crítica bastante adiantada no que concerne aos costumes: a submissão da mulher, o dote obrigatório, a liberdade do homem, etc. A personagem trágica consegue fazer que o leitor se sinta tão familiar com a tragédia, ocorrendo à identificação entre o público e o problema apresentado na ação encenada, fazendo que os personagens condutores de caracteres de qualidades de valores ou de não valores demonstrem seus pensamentos e opiniões críticas, uma crítica social, seja de paixão ou compaixão e esses critérios que diferenciam a arte da realidade, causando no leitor o efeito catártico.

Percebendo o valor estético está integrado no seu ambiente de um modo miscigenado seja de sensações, mas causando nele uma forma geral de contemplar a leitura. “[...] ao construir a mimese, o poeta deve como que visualizar as ações, a fim de que, percebendo como não contradizer a conveniência verossímil, possa persuadir o espectador com a ilusão de realidade; deve, igualmente, buscando maior intensidade para os efeitos trágicos, incluir gestos que reforcem o “viver” das emoções pelas personagens, que assim persuadirão mais; [...]” (Costa, 2003, p.51). A tragédia com base na dualidade entre a vontade humana e os instintos, a vontade livre e a determinação natural, a liberdade moral e a necessidade natural.

O valor estético aparece “nas costas” (expressão usada por Max Scheler e Nicolai Hartmann) destes outros valores morais ou religiosos em choque, nem pela interpretação específica do mundo e da vida. O valor estético suspende o peso real dos outros valores (embora os faça “aparecer” em toda a sua seriedade e força); integra-os no reino lúdico da ficção, transforma-os em parte da organização estética, assimila-os e lhes dá certo papel no todo (Candido, 2000, p.47).

Nesta mesma concepção encontramos a questão do *Pharmakós* na tragédia da *Medéia* de Eurípidés. Fazendo com que o sacrifício dos filhos estanque a dor da personagem Medeia seja um efeito de cura, um remédio para a sua dor, um curativo. Sendo assim um efeito de castigo para Jasão e seu problema resolvido. “O *Pharmakós* não é culpado porque não é feito algo que lhe seja digno de sua expiação, mas pertence a uma categoria culpada” (Frye *apud* Grizoste, 2013, p. 74). É bom ressaltar, esse não é o *Pharmakós* na acepção das Targélias, isto é, do conceito de purificação de uma sociedade – mas do conceito que um sacrifício é capaz de devolver a satisfação anterior da personagem. Cometendo crime de morte contra seus filhos, o erro sendo a única salvação do personagem e o único efeito capaz de igualar a mesma dor em Jasão que Medeia estava sentido, fazendo que seja um sacrifício curativo que os filhos tornam se

para *Medéia*. Os filhos de Medeia aparecem na narrativa como tendo sido sacrificados sem luta, apenas aceitando seu destino.

Podemos estabelecer aqui, com algumas ressalvas, alguma relação com Isaque e Abraão no sacrifício. Abraão tem uma decisão difícil, mas é livre decidir. Assim, *Medéia* toma a decisão de sacrificar seus filhos deliberadamente, isso para manter-se com o mesmo ponto de igualdade com Jasão. Mesmo que ela se lamenta é a única solução que a mesma encontra para salvar a sua tormenta e seu ferimento enquanto mulher abandonada. Vejamos a narrativa do sacrifício de Isaque:

[...] E aconteceu depois destas coisas, que provou Abraão! E ele disse: Eis-me aqui.

E disse: Toma agora o teu filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre uma das montanhas, que eu te direi.

E disse Abraão: Deus proverá para si o cordeiro para o holocausto meu filho. Assim caminharam ambos juntos.

E chegaram ao lugar que Deus lhe dissera, e edificou Abraão ali um altar e pôs em ordem a lenha, e amarrou a Isaque seu filho, e deitou-o sobre o altar em cima da lenha.

E estendeu Abraão a sua mão, e tomou o cutelo para imolar o seu filho [...] (*Gênesis* 22:2-10).

Analisamos que o ato do sacrifício é um desejo de Deus para testar a fidelidade de Abraão. Uma forma que Abraão tem para provar o merecimento de uma aliança firme e duradoura. Isaque assim como os filhos de Medeia aceita o destino que lhes foi dado como se fossem bodes expiatórios, sem lutar e sem questionamentos. Então Deus percebendo que Abraão iria sacrificar seu filho, enviou um anjo e impediu-o de concluir.

O *Pharmakós*, ou o sacrifício voluntário de Cristo, ao se entregar à salvação da humanidade, é analisado nesta mesma percepção euripidiana, já que ele se submete, como dirá a tradição cristã “feito um cordeiro mudo ao matadouro”.

[...] Bem sabeis que daqui a dois dias é a páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado.

Então Jesus lhe disse: Todos vós esta noite vos escandalizareis em mim; porque está escrito: Ferirei o pastor, e as ovelhas do rebanho se dispersarão.

E, indo um pouco mais para diante, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu *queres*.

E indo a segunda vez, orou, dizendo: Pai meu, se este cálice não pode passar de mim sem eu o beber, faça-se a tua vontade. (*São Mateus* 26: 2-42)

Cristo se entrega como bode expiatório porque sabe que é a única maneira de resgatar a humanidade do pecado cometido no Éden. Dirão todos os evangelhos, ‘[...] tal como a cristologia, cujo, Pai amou o mundo de tal maneira que foi capaz de dar seu filho unigênito em sacrifício em prol do resgate da Humanidade...., (Frye *apud* Grizoste, 2013, p.74)’. Cristo, apesar de resistir no Getsêmani, se entrega obedecendo ao destino cosmológico, porque que a morte é inevitável: “que seja feita a vontade de meu Pai e não a minha” (*São Mateus 26:42*). Assim como Isaque, Abraão e os filhos de Medeia, Cristo se entregara ao *Pharmakós*, sacrifício voluntário consciente. “[...] nenhum *Pharmakós* é oferecido contra a sua vontade, todos eles tiveram o direito de optar pelo que queriam, porém todos eles escolheram cumprir o destino [...]” (Grizoste, 2013, p. 94), mas o autor também há sacrifícios involuntários. Os filhos de Medeia circunscrevem na categoria dos sacrifícios involuntários.

Os *Pharmakoi* poderiam tomar qualquer decisão, seja a resistência ou a aceitação. Mas qualquer decisão ocorreria conforme o destino cosmológico. O *Pharmakós* possibilita a reorganização da ação das personagens. Cristo em favor da salvação coletiva de um erro cometido no Éden; já o sacrifício dos filhos de Medéia ocorre em finalidade individual, mas também por punição de Jasão e da própria Medeia, pelo feitiço que alterou o resultado da empresa de Jasão.

MEDEIA: Lamento a ação que executarei em seguida. Matarei meus filhos. Ninguém os tirará de mim. Quando eu estiver esmagado toda a casa de Jasão, deixarei está terra, fugindo depois do assassinio de meus queridos filhos, uma vez que me atreverei a executar o mais ímpio dos feitos... (Eurípedes, 1998, p.40).

O elemento do conflito interno da personagem faz surgir a violação da ordem. A ação de Medeia, desafiando aos poderes instituídos, ocorre mesmo com a personagem tendo consciência de seus erros; se lamenta por seus atos mesmo antes de acontecer. Trata-se mais uma vez de conflito interno da personagem. Medeia sente-se tomada por justiça tirando de Jasão a sua alegria, a alegria que ela também já não tem, ela sabe que seria a única ação que conseguiria machucar profundamente a Jasão. Fez mesmo sabendo que seria julgada e que não receberia perdão. “O poder dos sentimentos naturais ergue-se contra a monstruosidade de seu plano, provocando no peito da mulher a última grande luta que precede a ação” (Lesky, 1996, p.204). Podemos fazer uma reflexão deste sacrifício que é presenciada pelo espectador, o herói trágico pode ser

percebido como o reflexo de cada ação humana nos mostra a ação frágil que é o ser humano desde os mais intensos pensamentos.

Quando o espectador presencia que a personagem ultrapassa o limite do que é real na tragédia, ele analisa o estado de bem estar de convívio ou desgraça sofrida pelo herói trágico como a experiência sentida em profundidade por um indivíduo que está sujeito às consequências de suas ações fora da ficção. Evitando o terror, uma ação trágica seja traições ou assassinatos e mediante a piedade pelos que tinham o destino de servir como *Pharmakós*, que eram vítimas dessas ações e faz com que o espectador pensasse antes de fazer determinada ação.

Possivelmente o espectador reavalia seus próprios impulsos, suas próprias emoções evitando o que quer que tenha evitar para desestabilizar sua família e a sociedade, para que não ocorram sacrifícios demasiados como ocorrem na tragédia. A tragédia apresenta pois como uma expressão de um desequilíbrio, ou, melhor ainda, como a manifestação estética da constituição de um equilíbrio. Decisões que tomam determinada ação sabendo das consequências somente para aliviar sua dor perante o destino e sua vida injusta. Chegando ao ponto de por perdê-la a vida de inocentes e nem chegar ao ponto de ultrapassar o limite psicológico do elemento trágico nos comove através dos sofrimentos das personagens, causando comoção, dor, tristeza e provocando terror e a piedade no espectador.

O verossímil e o critério que deve nortear a escolha dos argumentos para a composição mimética; um argumento impossível que convença é melhor do que um impossível que não convença; o próprio irracional, utilizado com aparência razoável de racional, torna-se aceitável (Costa, 2003, p.52).

Podemos perceber que as ações que a personagem toma na tragédia são para além da realidade, que é excessivo para a imitação da realidade, mas que convencem o espectador. Por outro lado, não é impossível que o espectador encontre ações parecidas na realidade indo para além da verossimilhança mimética. A ficção ainda é a imitação da realidade e inevitavelmente imita também os erros humanos, mas o erro humano não poderá copiar a ficção, percebendo que a literatura deve ser como já dita anteriormente uma reflexão para que não ocorra o mesmo erro ou outros erros na realidade, fazendo que o espectador seja convencido que determinadas ações que este possa tomar, causem grande proporção para além do possível até refletir na literatura ficcional.

O elemento trágico é o que amarra o espectador a perceber que quando perde o equilíbrio, o conflito interno é ocasionado pela *Hibrys*, o erro forçado a encontrar a

única solução achando que poderá lhe ajudar a ocultar seus erros da sociedade e amenizar a dor que perturbam o seu conflito interno. Mas Jasão por causa da sua sede de ambição, já estava noivo de Creonte filha do Rei de Corinto, demonstra frieza ao falar com *Medéia* acusando-a com falsos motivos, o que legitima o comportamento de *Medéia*, a qual se vê abandonada juntamente com seus filhos. Jasão cinicamente ainda insiste que tentou dar proteção aos seus filhos e também para *Medéia*.

JASÃO: “[...] Compreende que não foi na mulher que pensei quando tratei de casar-me com a filha de um soberano, mas, como acabei de dizer-te, eu queria te proteger e dar aos meus filhos irmãos de origem real como um baluarte em minha casa”. (Eurípides, 1998, p. 34).

Desde o começo do conflito o Coro solidarizara-se com a protagonista e apoiam ao presenciarem seu estado de compaixão que a sorte que se distanciava. Aos poucos o coro fica próximo daquela que se confessa como amigos, fazendo seus lamentos e arrependimentos.

CORO: Ouço a voz, ouço os gritos da desventurada ilha de Cólchida. Ela ainda não se acalmou. Mas fala, velha! (Ajuntam-se em torno da Ama). Ouvi os gemidos e lamentos dentro da casa de duas portas (Alusão a arquitetura da mansão, que tinha um pátio da qual se abria uma porta para um vestíbulo interior e a outra porta para a rua). Não me regozijo, mulher, com as lamentos deste lar, porque ele se tornou para mim uma coisa amada. (Eurípides, 1998, p.19).

Depois de saber que tencionava destruir a casa real e não apenas castigar Jasão, o que o Coro não esperava era que o desejo de vingança pudesse levar *Medéia* a cometer um crime tão medonho. Tendo consciência que é um ato tão cruel o Coro se distancia de *Medéia* ao perceber que a mesma encontrou a solução para atingir Jasão e horrorizado, perante a dimensão da vingança após o acontecido repudia *Medéia* e se afasta deixando mais uma vez *Medéia* solitária por conta de sua frieza. “CORO: Desgraçada mulher, és então como o rochedo ou o ferro, matas no plano arquitetado por tuas próprias mãos os filhos que tu mesma geraste!” (EURÍPIDES, 1998, p.56). O coro seria como se fosse à voz do poeta de quem escreve a trama para opinar ou indagar algo para o espectador. “[...] cabia a ele analisar e criticar as personagens, comentar a ação, ampliar, dar ressonância moral e religiosa a incidentes que por si não ultrapassariam a esfera do individual e do particular”, (Candido, 2000, p.87). O narrador pode aparecer em uma obra de um modo invisível, porém que faz o seu personagem refletir ou

questionar juntamente com o espectador tais ações que poderiam ser evitadas ou uma reflexão.

Creonte representa um governante sem escrúpulos nem valores, centralizado apenas nos seus interesses como monarca e nos interesses de sua casa. Confiante de que Medéia não ousaria fazer mais nada, pois o temia deu-lhe um dia apenas para arrumar-se e ir embora, acreditando que Medéia uma mulher com vingança em um dia não teria oportunidade de fazer nada para sua filha e Jasão nas suas núpcias.

CREONTE: Mulher de semblante sombrio, tu, que estás irada contra teu marido, Medéia, decidi que debes deixar esta terra que debes ser exilada com teus dois filhos, e isso sem demora. Serei eu mesmo o executante dessa ordem, e não voltarei a meu palácio enquanto não te houver expulsado deste país. (Eurípides, 1988, p.24).

Na tragédia da *Medéia* encontramos mais uma personagem na qual este o único a reagir a seu favor dando-lhe segurança sem procurar entrar em guerra com Creonte, mas chega a dizer e apontar que Jasão era um indigno, atendeu ao pedido de Medéia, formulado de acordo com as formalidades que os dois fizeram. A personagem Egeu entra na narrativa trágica como o salvador de Medéia que foi enviada pelos Deuses ao atenderem ao pedido de salvação dela. Medéia usa a esterilidade de Egeu que para ele é preocupante, pois precisa de um sucessor e como Medéia diz que irá ajuda-lo, ele se deixa persuadir facilmente. Ainda que Egeu seja sensível a promessa preocupa-se em sublinhar que, antes de mais, é por respeito aos deuses que a acolhe, e só depois se refere ao seu desejo de alcançar descendência, que será satisfeito.

EGEU: “Estou disposto, mulher por muitas razões, a conceder-te esse favor, em primeiro lugar por causa dos filhos cujo nascimento me anuncias, eis que compreendi minhas viagens por esse mesmo motivo. Mas a questão assim se apresenta a mim: Se fores para a minha pátria eu te acolherei com hospitalidade, como é direito [...] (Eurípides, 1988, p.38).

No entanto Egeu tampouco sabe do que Medéia fará com os seus filhos e com a nova esposa de Jasão. Medéia sagazmente se apresenta uma mulher triste abandonada por seu marido que lhe trocou por outra e que se sente injustiçada e quer encontrar um lugar seguro para ela e seus filhos.

A partir deste momento Medeia não se encontra mais sozinha, tem onde acolher-se, não necessita refugiar-se na idealização da “Casa paterna”. Egeu, oferecendo-lhe compreensão e apoio, salva Medeia do cerco em que se sentia envolvida desde a ameaça de expulsão feita por Creonte e nesse apoio

encontra coragem para prosseguir a afirmação da validade das promessas e o confronto com os inimigos. (Abreu, 1991, p.71).

As personagens são construídas através das características do homem construídas com o intuito de mostrar para o espectador que a realidade vai muito além do que pode ser visto e contado, um exemplo disso são os personagens que foram comentados acima que tomam determinadas atitudes que o espectador não esperava, mostrando que assim como na vida real a ficção toma rumos inesperados que por vezes não é como queremos.

Deve também produzir [por si mesmo], tanto quanto possível, os gestos [das personagens]. Mais persuasivos, com efeito, são [os poetas] que, naturalmente movidos de Ânimo [igual aos das suas personagens], vivem as mesmas paixões; e por isso, o que esta violentamente agitado excita nos outros a mesma agitação, e o irado, a mesma ira (Arist. P.1455a).

Saber que tais atitudes como de Medeia que cometeu o ato mais cruel faz com que possamos refletir tais atitudes, como a *hibrys* que presenciamos na tragédia nos mostra uma figura humana que vacila perante as suas decisões, que luta com si mesma para não chegar à conclusão terrível tendo de sacrificar o seu próprio sangue.

Dessa forma, além de o público se ver no palco, pode se ver no coro ao perceber que dividem as mesmas opiniões sobre o contexto das obras e as ações dos personagens, o espectador se ver no herói e seus conflitos. “[...] o povo aprendeu a observar, a discutir e a tirar consequências, segundo as regras da arte e com as mais matreiras sofisticações” (Nietzsche, 1992, p. 74). O público além de reaprender a construir e indagar suas autocríticas sobre o indivíduo seus conflitos interno, torna-se um crítico do coletivo em que convive, a ficção consegue envolver o público a observar as ações dos personagens e faz que observe não somente os lados positivos e negativos, mas quais os resultados e suas consequências, o público aprende a discutir com o outro. A literatura contribui para a discussão das realidades e como se entrelaçam com o fictício. “Era a tentativa de levar o espectador ao palco a fim de habilitá-lo para a verdade e iniciar um juízo sobre o drama, a ação” (Frye *apud* Lima, 2011, p.8). Esses acontecimentos nas narrativas trágicas que fazem o leitor ter uma reflexão para formar a sua opinião crítica seja para a sociedade que visa nos valores coletivos. A literatura é um instrumento de ensino no espaço da arte, neste caso, o teatro que indaga o espectador para fazer suas críticas para o pessoal e o social.

A DESMISTIFICAÇÃO DE MEDÉIA

Neste tópico iremos discutir sobre a desmistificação de *Medéia* enfatizando a pureza da realidade e permitindo uma visão mais verossímil, mais próximo do real, retirando a imagem que nós temos de acordo com Eurípides uma mulher apaixonada que ajuda seu amado, perante um retrato construído através dos mitos orais, tendo seu retrato parcialmente emblemático, seu contraste de uma figura feminina profundamente humana, e demonstra o seu poder ao mesmo tempo sua fragilidade sobre o amor, encontrando a única solução a vingança. A desmitificação da *Medéia* demonstra uma mulher capaz de abandonar sua pátria e renegar seu sangue é uma *Medéia* racional, ciente do que estava fazendo. Apontaremos, aqui, razões da personagem que a levaram cometer atos tenebrosos, apresentando o verossímil – cópia das ações as ações humanas.

As regras do verossímil e do necessário devem justificar tanto as palavras e atos dos personagens de caráter como os sucessos de ação no mito. Daí segundo a *Poética*, ser evidente que os deslances também decorram do próprio mito e não do deus *ex machina*, a exemplo do ocorre na Medeia [...], (Costa, 2003, p.29).

Os comportamentos de *Medéia* nos causam grande impacto pela frieza que a mesma comete seus atos sabemos que determinados atos são concretizados dependente de seu caráter, a literatura imita a realidade, ou seja, é verossímil uma cópia do mundo vivido, que apresenta em sua narrativa trágica e que o leitor absorve os sentimentos das personagens sejam de tristeza, raiva, alegria e satisfação da personagem, podendo o leitor incrimina-la ou compreendê-la.

A peça clássica *Medéia* de Eurípides em sua completude e inteireza, caracteriza *Medéia* a partir de sua visão de mundo masculino histórico e social, exigida pela sociedade ateniense, contada e reescritas por outros escritores ganhando novas características através da obra de Eurípides e do mito em que o autor adquiriu atendendo determinadas exigências para a caracterização da tragédia de *Medéia* atribuindo na obra seu pensamento crítico e reflexivo para que fosse analisada e compreendida pelo público. *Medéia* era um mito em que o autor reescreve, agora de acordo com características do povo.

Através das atitudes do povo ateniense, como conviviam, seus caracteres escondidos, concretizadas através do contexto sócio histórico que deu origem a tragédia de Medeia como uma imitação das ações do homem. “As pessoas (históricas), ao se

tornarem ponto zero de orientação, ou ao serem focalizadas pelo narrador onisciente, passam a serem personagens; deixam de serem objetos e transformam-se em sujeitos, seres que sabem dizer “eu” (Candido, 200, p.26). e possibilitando a fala da mulher ateniense, tirando a especulação acerca do que se acreditava ser mulher. Sem autonomia a figura feminina em Eurípedes é uma projeção e divagação de conceitos estabelecidos por quem ditava e descrevia a ordem e representa também a alma humana. Assim é o mito de *Medéia*, uma projeção imaginativa da fragilidade e das forças cegas que habitam o interior do próprio homem.

As primeiras concebem a vida psíquica e o comportamento personalizado como constituídos a partir de processos afectivos, cognitivos e volitivos que ocorrem no interior da consciência de cada indivíduo ou como produto dos hábitos particulares (Abreu, 1991, p.61).

Medéia é uma feiticeira e domina conhecimentos de magia ao é uma nobre e rainha que teria herdado estas técnicas de sabedoria de ervas por ser neta do Sol. São estes antigos saberes como, o uso do conhecimento mágico das ervas e filtros para atender desejos individuais que ela dominava. Podemos perceber que o saber da magia de *Medéia* deixava o Rei Creonte preocupado, “CREONTE: Temo-te e não me convém também ser envolvido em palavras, para que não prepares algum mal irremediável contra minha filha [...]”, (Eurípedes, 1998, p. 24). Uma grande ameaça já que tais conhecimentos não eram dominados por Creonte – o que levava a temer pela própria vida, de sua família e de seu reinado e não sabendo como se defender de uma feiticeira como era conhecida e mais ainda conhecida por cometer crimes para conseguir o que quer a sua única saída foi a expulsão de *Medéia*. Justamente o que *Medéia* mais temia: ficar longe de sua sociedade e perder sua liberdade, mas não se dará vencida por isso.

Na verdade tornou-se ainda mais uma mulher monstruosa e enlouquecida pelo ciúme, mãe assassina e feiticeira poderosa disposta a usar a magia como instrumento maléfico de vingança. O uso das práticas mágicas das ervas e raízes tanto podia atender às necessidades de medicamentos para curar as doenças quanto ser usado como veneno para efetuar suas falcatruas assim como fez para ajudar Jasão. *Medéia* poderia ajudar um amigo qualquer com os seus benefícios, mas possuía de interesses, ciente da concretude do que era capaz, utilizava seus conhecimentos para ser fatal e destruir os inimigos.

Medéia é temida por suas atitudes, tais como a morte do próprio irmão; diante de seu voluntarioso amor, a feiticeira sacrifica até mesmo os laços familiares tão sagrados e

torna-se perigosa para a vida social, a própria Medéia é o pior dos venenos diante dos atos que por ela foram cometidos e influenciados, “MEDÉIA- Ah, ai de mim! Medéia, não poupes recursos de tua arte e dos teus conhecimentos, planejando e executando. Vai em frente para o terrível! Chegou agora a prova da tua coragem” (EURIPIDES, 1988, p. 28). Todo esse medo que seus inimigos não simpatizantes têm com Medéia contribui ainda mais para a sua motivação de ressentimento, vingança e quando deixada por Jasão sente-se perdida, sem amigos e sem seus familiares, mas deixa-la longe do convívio social acaba deixando Medéia mais carente de amigos, sendo assim alimenta sua sede de vingança, sua mente doentia e manipuladora conseguindo adentrar em uma sociedade frágil para realizar seus atos.

[...] Em todas essas tragédias há a sensação de algum mistério de longo alcance, do qual esse processo moralmente inteligível é apenas uma parte. O ato do herói virou uma chave em máquina maior do que sua própria vida, ou mesmo do que sua própria sociedade, (Frye, 1957, p. 207).

O outro lado de *Medéia* como esposa ideal, uma mulher idealizada pelo imaginário grego sofre uma ruptura fazendo com que o espectador perceba que não devem ser iguais e que não se faz escolhas erradas, decididas através da paixão. Mas ao contrário devem ser boas esposas, obedientes e submissas aos seus maridos e mães zelosas que cuidem de seus filhos. “[...] ambas serem expressões totalmente diferentes do mesmo ser interior do mundo. Quando agora no caso isolado, se encontra verdadeiramente tal relação [...]” (Nietzsche, 1948, p 149). E a inversão da imagem da heroína trágica é a representação de Medéia como uma transgressora do modelo de feminino idealizado em Atenas, ressaltando que neste aspecto a *Medéia* trágica contrasta com sua própria imagem.

Em função de todas as características apresentadas pela heroína: bárbara, feiticeira poderosa, mãe sanguinária e infanticida a *Medéia* euripidiana configura-se como uma transgressão revolucionária tentada fazer valer sua condição de ser humano com direitos semelhantes aos dos homens; exige de Jasão fidelidade a um compromisso mutuamente assumido, não lhe importando a observação de que o casamento já celebrado não tinha validade pelas leis gregas.

Detendo-se nos eventos relacionados ao temor e a piedade, o autor estipula que as ações desse gênero, violentas devem suceder-se no coração das alianças, como: irmão contra irmão, filho contra pai, etc. Na realização dessa tarefa o poeta deve servir-se dos mitos tradicionais, não os alterando essencialmente- como evitar o matricídio de Clitemnestra e Erifila- mas usando artificialmente

os dados da tradição, isto é, organizando um sistema de fatos capaz de produzir o efeito trágico, (Costa, 2003, p.28).

Medéia é uma mulher insana, poderosa e imbatível, mesmo que seu crime seja terrível sua principal intenção era fazer com que o esposo não se esqueça dela, marcar a própria imagem num tormento futuro para Jasão. “[...] Vamos, meu coração, torna-te duro como o aço, arma-te. Porque terei eu de fazer isso? Não fazer uma coisa horrível, mas inevitável, seria pusilanimidade. Vamos segura a espada, minha infausta mão! Toma-a e leva ao extremo o horrendo curso de tua vida e não representes o papel dos pusilânimes pensando nos filhos e quão queridos são e como os criaste!” (EURÍPIDES, 1998, p. 54). Tão cruel que se lamentava pelo ato a ser realizado, porém não passava por sua racionalidade humana e mãe em desistir a fim de que Jasão perceba o erro que cometeu e como *Medéia* deixou se dedica a um homem que apenas lhe via como uma mãe que faria o que seu marido lhe pedisse. Muito ao contrário da personagem de Eurípides, que começa com lamentos emotivos, com ciúmes, triste por ser abandonada, mas que também comete o crime com sua consciência sem encontrar nenhum erro a personagem chega a comentar:

Medéia não se sente preocupada pelo que faz com seus filhos, mas por se sentir sozinha e sem abrigo e seu caminho para salvação seria pedir ajuda aos deuses e vingue de Jasão para que sofra tanto quanto a mesma estava sofrendo, de fato “[...] a tragédia parece conduzir a uma epifania da lei, daquilo que é e deve ser” (Frye, 1957, p.205). No decorrer da narrativa trágica Medéia deveria fazer para concretizar o que estava escrito, era como se fosse uma lei que deveria ser cumprida ou realizada, não causaria nenhum susto a mais, pois o espectador já espera devido aos outros fatos de que Medéia cometerá desde que se encontrou Jasão. A maior das atrocidades convém destacar, é a mulher que mata os filhos por vingança, movida pelo ciúme, agindo racionalmente renegando a sua família e contra a mesma comete crimes.

Medéia não vê como um ato cruel à ação que cometerá com seus filhos, antes se vê mesmo como uma heroína, mesmo provocando uma catástrofe. Medéia sabia que após matar a filha de Creonte, teria que deixar seus filhos para trás e eles seriam mortos por Creonte ou pelo povo que ficaria com fúria por causa da morte da princesa. Já que não tinha direito aos filhos, Medéia decidiu que ela mesma deveria cometer o crime, sentia-se como única pessoa a ter o direito de tirar a vida de seus filhos já que era a mãe, ao invés de seus inimigos.

Se a tragédia é a imitação de homens melhores que nós, importa seguir o exemplo dos bons retratistas, os quais, ao reproduzir a forma peculiar dos modelos, respeitando embora a semelhança, os embelezam. Assim também, imitando homens violentos ou fracos, ou como tais outros defeitos de caráter, devem os poetas sublimá-los, sem que deixem de ser o que são: assim procederam Agatão e Homero para com Aquiles, paradigma de rudeza (Arist. P.1454b).

Suas agonias emotivas e não parece vitoriosa, a vingança em *Medéia* será proporcional à dor sofrida, e a ira, acompanhada de razão que age racional e meticulosamente. Em mais uma de suas lamentações questiona o papel da mulher na condição de mãe e esposa onde a mulher não goza de cidadania onde a mulher nada era fora da cidade, da casa e da proteção de seu marido, “[...] nós, mulheres somos a mais desgraçadas” (Eurípides, 1998, p.22), conceitos preestabelecidos sobre a mulher que Medéia são construções forjadas a partir de uma visão estereotipada da figura da mulher escrita por um homem.

É possível que uma ação seja praticada a modo como poetaram os antigos, isto é, por personagens que sabem e conhecem o que fazem, como a Medéia de Eurípides, quando mata os próprios filhos. Mas também pode dar-se que algum obre sem conhecimento do que há de malvadez nos seus atos [...], (Arist. 1454a).

Percebemos uma grande originalidade do dramaturgo, que modela a partir dos dados da tragédia um carácter complexo e extraordinário e lhe dá vida e urgência em responder à situação trágica que a envolve. A Medéia através de sua construção histórica não é feiticeira que comete loucuras por amor, mas é a dona de seus atos. Mais uma vez encontramos a desmitificação da personagem assumindo uma posição mais objetiva e claramente o porquê de seus atos, sabemos que o ciúme foi um dos motivos, pois ele existe claramente na obra e representa a força desagregadora, destruidora potencialmente perigosa e cuja obediência à comunidade incita sua ira. Vemos nas razões de Medéia uma questão uma questão de ingratidão e de deslealdade em relação a alguém que agiu e se prejudicou por amor; e a questão de uma mulher abandonada do ponto jurídico, sem lar, sem pátria.

O carácter complexo da protagonista, simultaneamente enigmática e dominadora, exerce um fascínio quase inexplicável sobre os espectadores e leitores de todos os tempos. Tal como Eurípides só seres extremamente perversos ousariam uma ação tão horrenda. Sem o olhar original que o poeta lançou sobre a tradição mitológica e literária elevou este drama à categoria de obra clássica no decorrer dos tempos, uma das

mais belas obras clássicas tendo como ato principal uma ação desumana, como tem sido classificado e continua, infelizmente, a ser uma das realidades da nossa época.

Somos realmente, por poucos momentos; o próprio ser primitivo, sentido seu desenfreado desejo e prazer de existência. A luta a dor a destruição dos fenômenos se nós apresentam como necessárias, em vista do excesso de inúmeras formas de existência que se apressam para tomar parte da vida, em virtude demasiada fecundidade da vontade do mundo [...], (Nietzsche, 1948,p. 152).

O excesso de sentimentos e a dor na qual foi exposta e qual esse excesso a personagem não soube administrar transformou sua alma estimulando a calamidade de sua vingança, suas atitudes desenfreadas e o excesso de sentimentos ocasionaram a sua destruição fazendo com que o espectador perceba que a personagem perdeu totalmente a noção do bem e do mal. Tais motivos que levaram a personagem Medéia a ter atitudes que para o espectador são atitudes tão cruéis, mas faz com que o mesmo perceba como é a sua convivência em meio à sociedade e em meio familiar. E julga a personagem não somente pelo momento, mas como o seu caráter que é totalmente inaceitável perante a sociedade, além de usufruir das ocasiões que Medéia estava passando para que ela demonstrasse seu verdadeiro caráter e sua verdadeira face para a sociedade a qual convivia e interagia sem o menos demonstrar que tais ações que a mesmas tomou foram uma das mais cruéis atitudes e familiar.

A personagem trágica de Medéia deixa dominar-se somente pelo seu lado emocional desligando-se seu racional e faz com que suas atitudes sejam dadas como frígidas e desumanas. Aqui relembramos que a personagem comete a *hibrys* por se mostrar uma figura realmente humana, que luta com si mesma, chegando a questionar, mas ao mesmo tempo se encoraja para realizar o seu plano armado contra Jasão, mas o espectador ou leitor consegue compreender que o desejo de *Medéia* é profundo e vem de uma força interior que desestabiliza seu físico e o psicológico da protagonista que ultrapassa a verossimilhança, fazendo com que o seu caráter continuaria o mesmo independente do contexto da narrativa, sendo capaz de cometer os mesmos atos, sejam eles por quais motivos a mesma teria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A personagem *Medéia* é o resultado da realidade social de seu tempo e das emoções que caracterizam o ser humano causando no leitor sentimento de horror e piedade. Trata-se de uma identidade trágica que perpassou várias gerações, e os mesmos atributos identificaram-na como uma das maiores obras de todos os tempos. Depois de Eurípedes foram escritas várias outras medeias – a de Sêneca é, sem dúvida, uma das mais conhecidas. Todas as medeias seguem a mesma alma euripidiana construída com as suas características que categoricamente procede como referência durante várias gerações de poetas e escritores trazendo seus elementos e características identificadores de seus heróis e anti-heróis. Podemos perceber que as personagens construídas como uma crítica para a sociedade consegue impactar o espectador e leitor além de fazer com que sua obra prosseguisse por indetermináveis anos e que ainda consegue impactar e fazer uma reflexão da sociedade.

E toda essa inspiração da personagem mostra que a Medéia feiticeira, frágil e apaixonada não desaparecerá e nem será esquecida, pois tais estudiosos desde os filósofos gregos até os teóricos contemporâneos têm como indicativo a obra *Medéia* de Eurípedes para ser tida como uma fonte e força de uma construção de uma obra que se tornou clássica e consegue arremata o leitor para dentro da trama. A personagem Medéia nos faz perceber que nossas ações correspondem ao nosso caráter e não por nossas emoções que determinam as nossas ações, pois no momento em que acontece a mescla de sentimentos pode se ver que o emocional seja mais forte, porém não deixa de ser racional continuando ciente do que está fazendo.

Assim como as personagens que são fictícias geradas a partir do imaginário é que não podem ser dadas como reais, mas como mitológicas o que não deixa de ser expressivo o contraste entre Jasão integrado já no contexto do poder de Corinto que abandonando os filhos destruindo a casa que fundou com Medéia ou Creonte que desrespeita a união e os filhos de Jasão e Egeu, que reconhece ser o desejo de descendência uma vocação natural do homem. Portanto, tais ações em que as personagens tomam servem de reflexões ao expectador, tanto do lado emocional e mesmo o racional, são ponderações de destruição familiar elucidado nas consequências de uma traição conjugal, mas também como as ações de Medéia. Não sejam, pois, atitudes que tragam o horror e crueldade envolvendo vidas inocentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Manuel Viegas. “Mito, ciência e vida contributos da psicologia para a compreensão de Medeia” in **Actas Medeia no drama antigo e moderno**. Coimbra: INIC-CECH, 1991, pg. 57-74.
- Aristóteles. **Poética**. Trad. Eudoro de Souza. Lisboa: INCM, 2003.
- BIBLIA. Trad. Capuchinhos, Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica, 1966.
- CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Decio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Sales. **A Personagem de Ficção**, São Paulo: Ed. Perspectiva S.A, 2000.
- Costa, Lígia Militz. **A Poética de Aristóteles: Mímese e verossimilhança**. Trad. Miltom Takeda. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.
- EURÍPIDES. “Medeia” in **Medéia, As bacantes, As Troianas**. Trad. David Jardim Júnior. Rio de Janeiro: Edit. Tecnoprint S.A, 1998.
- Frye, Nortrop. **Anatomia da Crítica**. Trad. Péricles da Silva Ramos. São Paulo: Ed. Cultrix, 1957.
- GRIZOSTE, Weberson. “O *Pharmakós*: a questão do Sacrifício Voluntário em Eurípedes” in Koike, K.; Grizoste W. **Estudos de Hermenêutica e Antiguidade Clássica**, Coimbra: Ed. de autores, 2013, pg. 71-96.
- LESKY, Albin. **A tragédia grega**. Trad. J. Guinsburg; Geraldo Souza; Alberto Guzik São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.
- NIETZSCHE, Friedrich. **A Origem da Tragédia: Proveniente do Espírito da Musica**, Trad. Erwin Theodor, e-book. 2006.
- RINNE, Olga. **Medeia – o direito à ira e ao ciúme**. Tradução J. Guinsburg, São Paulo: Ed. Cultrix, 2005.
- SILVA, Ruth Serrão; GRIZOSTE, Weberson. “O *Pharmakós*: A questão do sacrifício voluntário na *Medéia* de Eurípedes e de Sêneca” in Albuquerque, R.; GRIZOSTE, W. **Estudos clássicos e humanísticos & amazonidades** - vol. 2, Alexa Cultural: São Paulo, 2018, pg. 83-92.